

**O VELHO EM TEXTO, O VELHO EM CONTEXTO NAS OBRAS DE
HEMINGWAY E SEPÚLVEDA: *O VELHO E O MAR E UM VELHO QUE
LIA ROMANCES DE AMOR***

**THE OLD IN TEXT, THE OLD IN CONTEXT IN THE BOOKS BY
HEMINGWAY AND SEPÚLVEDA: *THE OLD MAN AND THE SEA AND
AN OLD MAN WHO READ LOVE STORIES***

Maria de Lourdes Marcelino da Silva (PG UNIMAR - Universidade de Marília-SP)

Altamir Botoso (UNIMAR - Universidade de Marília-SP)

RESUMO: Este artigo tem como proposta o estudo comparativo dos romances *O velho eo mar* (1952), e *Um velho que lia romances de amor* (2005), obras de Ernest Miller Hemingway (1899 -1961) e Luís Sepúlveda (1949), respectivamente. Aborda as relações entre as personagens protagonistas das duas obras, que são velhos, e a forma como o discurso das personagens e o cenário dialogam no contexto literário.

Palavras-chave: Literatura comparada; intertextualidade; monólogo interior; Ernest Hemingway; Luís Sepúlveda.

ABSTRACT: This article has the purpose of studying the novels *The old and the sea* (1952) and *An old man who read love stories* (2005), works by Ernest Miller Hemingway (1899-1961) and Luis Sepúlveda (1949), respectively. Addressing the relationships between the protagonist characters of the two books, who are old, and how the speech of the characters and the setting dialogue in the literary context.

Keywords: Comparative literature; intertextuality; interior monologue; Ernest Hemingway; Luis Sepúlveda.

O homem velho deixa a vida e morte para trás
Cabeça a prumo, segue rumo e nunca, nunca mais
O grande espelho que é o mundo ousaria refletir os seus sinais
O homem velho é o rei dos animais

A solidão agora é sólida, uma pedra ao sol
As linhas do destino nas mãos a mão apagou
Ele já tem a alma saturada de poesia, soul e *rock'n'roll*

As coisas migram e ele serve de farol

A carne, a arte arde, a tarde cai

No abismo das esquinas

A brisa leve traz o olor fulgaz

Do sexo das meninas

Luz fria, seus cabelos têm tristeza de néon

Belezas, dores e alegrias passam sem um som

Eu vejo o homem velho rindo numa curva do caminho de Hebron

E ao seu olhar tudo que é cor muda de tom

Os filhos, filmes, ditos, livros como um vendaval

Espalham-no além da ilusão do seu ser pessoal

Mas ele dói e brilha único, indivíduo, maravilha sem igual

Já tem coragem de saber que é imortal.

Caetano Veloso

1. INTRODUÇÃO

O velho continuava sua leitura, sem deixar-se importunar pelo ruído áspero da pedra contra o aço, murmurando palavras como se rezasse.

Luis Sepúlveda

Este artigo pretende, em sua essência, estabelecer uma relação entre duas personagens de obras distintas: o velho Antonio José Bolívar Proaño, beirando os setenta anos, solitário na imensidão da mata, que lia lentamente, escandindo as palavras, os romances de amor que amenizavam as difíceis horas vividas em sua cabana - *Um velho que lia romances de amor*, do escritor chileno Luis Sepúlveda, e o velho pescador, também solitário em sua cabana, astuto e experiente com a vida no mar - *O velho e o mar*, do escritor norte-americano, Ernest Hemingway. Em ambos os textos, o protagonista, o velho, será o foco da análise e da comparação aqui pretendida.

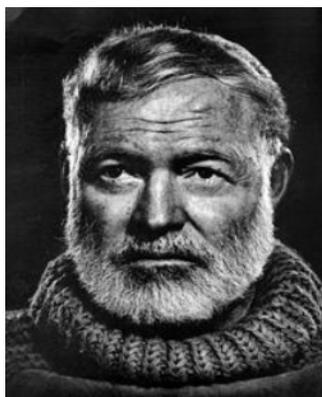
Buscamos identificar as marcas da literatura em torno do homem velho, adjetivado como aquele que possui diversas experiências, que são norteadas por valores, metas, crenças e formas próprias de interpretar situações e relacionar-se. Apresentados em contextos e épocas diferentes, embora seus autores tivessem como cenário de criação a América, e como

palco de atuação dessas personagens cenários, a princípio, ímpares: para uma obra, o mar e para a outra, a selva. Isso pode sugerir muitos contrastes, mas na verdade o discurso literário proporciona ecos, antecipações e analogias. São essas marcas discursivas que buscamos nas obras.

Nas narrativas analisadas, consideramos também as condições de produção, entendida aqui como o contexto, as questões ideológicas e as referências de tempo e espaço.

Olhando para o movimento de recursos linguísticos, pretendemos, ainda, identificar relações intertextuais, considerando as técnicas narrativas e os autores entrelaçados em uma possível interdiscursividade.

2. OS ESCRITORES E SUAS OBRAS



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=hemingway>

Ernest Miller Hemingway foi jornalista e um escritor norte-americano (1899 - 1961). Trabalhou como correspondente de guerra em Madrid, o que lhe serviu como inspiração para uma de suas maiores obras, *Por quem os sinos doam*. Instalou-se em Cuba ao final da Segunda Guerra Mundial, onde escreveu *The Old Man and the Sea*, em 1951, mais precisamente em Havana.

O romance, publicado em 1952, foi vencedor do Prêmio Nobel de Literatura em 1954. Sua narrativa exerceu grande influência no estilo de autores contemporâneos - Gabriel García Márquez foi um deles.

Hemingway teve uma vida bastante conturbada, vários casamentos e uma paixão fervorosa por Cuba, onde viveu cerca de vinte e três anos. Retorna aos Estados Unidos, sua terra natal em 1960. E, no dia 2 de julho de 1961, aos 61 anos de idade, cada vez mais instável

emocionalmente, Hemingway comete suicídio.

A obra traduzida em português, *O Velho e o Mar*, escrita dez anos antes de sua morte, abarca a luta de um homem que prefere chamar o mar de *la mar*, no feminino, porque o ama. Entende que mulheres exercem a mesma influência que a lua exerce sobre o mar.

A história se passa em torno de um velho pescador, Santiago. Sozinho em alto mar, próximo à região do Golfo do México, ele luta para trazer um peixe gigante ao barco. A narrativa envolve o leitor na batalha e na perseverança desse personagem.



Fonte: <http://www.portaldaliteratura.com/autores.ph>

O escritor Luis Sepúlveda nasceu no Chile, Ovalle, em 1949. Atualmente mora na Espanha, Gijón. Durante o Golpe militar de Augusto Pinochet, anos setenta, teve que abandonar seu país. Viveu em vários países, e entre os índios *shuar* no Equador. Trabalhou no Brasil e em outros países da América do Sul. No Brasil, conheceu Chico Mendes, o grande defensor da floresta Amazônica, a quem dedicou o prêmio Tigre Juan conferido à obra *Um velho que lia novelas de amor*, publicada em [1989](#), considerado o seu romance de maior sucesso.

Sepúlveda narra de forma envolvente viagens por vários lugares, descrevendo-os e também paisagens que nem sempre são tão reais. Aproveita de suas experiências para contar histórias sobre o homem e suas relações mais diversas. É um romancista, escritor e ilustrador de alguns dos seus próprios livros. Obras principais: *Encontro de Amor Num País em Guerra*, (1997), *Mundo do fim do mundo* (1998), *Diário de um Killer Sentimental* (1999), *The story of a seagull and the cat who taught her to fly* (2003), *Uma História Suja* (2004), *As rosas de Atacama* (2006), *O poder dos sonhos* (2006), *Crônicas do Sul* (2007), *O poder dos sonhos* (2006) e *Fim de século* (2008). Mais recentemente, publicou *Últimas notícias do Sul* (2012), *Mundo do fim do mundo* - (2012), *História de um gato e de um rato que se tornaram amigos*

(2013) e *História de um caracol que descobriu a importância da lentidão* (2014).

Os autores abordam temas comuns em seus textos, contam em suas obras histórias sobre guerra, caçadas, touradas, o mar e lugares visitados, como por exemplo Paris. Hemingway é membro da “Geração Perdida”, formada por boêmios e Sepúlveda da *geração* latino-americana que vivenciou regimes políticos ditatoriais.

Americanos, um da América do Norte, Hemingway, e o outro da América do Sul, Sepúlveda, trazem nas obras analisadas as vivências e cenários dessa América, mais precisamente de Cuba e do Brasil, países próximos aos de sua de sua pátria. Embora não seja nacionalidade de nenhum deles, utilizam lugares desses países que podem aguçar qualquer aventura, paragens sem limites e sem donos. Se para um existe a imensidão de um Oceano Atlântico, para a outro há a imensidão de uma Floresta Amazônica. Floresta que também serviu de palco para as personagens de João Carlos Marinho, escritor brasileiro, na obra *Sangue Fresco*, 1982.

3. CONFABULANDO

“-Nunca vi ou ouvi falar de um peixe desse tamanho. Mas tenho de matá-lo. É bom saber que não tenho de tentar matar as estrelas. Imagine o que seria se um homem tivesse de tentar matar a lua todos os dias”, pensou o velho. “A lua corre depressa. Mas imagine só se um homem tivesse de matar o sol. Nascermos com sorte”.

Ernest Miller Hemingway

O romance *O Velho e o Mar* tem como protagonista Santiago, um velho pescador que após um longo período sem conseguir pescar nenhum peixe, sente-se desanimado, pois já não tinha o jovem Manolín, seu aprendiz, que foi impedido, pelos pais, de acompanhá-lo à pesca. Em uma madrugada, ajudado e incentivado pelo rapaz, prepara a canoa e mais uma vez, lança-se ao mar. Era setembro, mês dos peixes grandes, dizia o velho.

Seria então o octogésimo quinto dia sem nenhum peixe, se não fosse a sorte de conseguir fisgar um espadarte gigante. O peixe oferece uma resistência brutal. Travam uma luta descomunal e a canoa é arrastada para o alto-mar. Ambos sofrem muito por vários dias. Até que Santiago consegue matá-lo e amarrá-lo em sua canoa. Porém, quando tudo parecia resolvido e a batalha vencida, sua pesca é atacada por um grupo de tubarões que, aos poucos, vai sendo devorada. Mais uma luta é travada. Com muito sacrifício Santiago chega à praia, mas, do estandarte só trazia a espinha.

O livro *O velho que lia Romances de Amor* é uma obra que narra a aventura de

António José Bolívar Proaño, num local chamado El Idílio, onde se refugiou e aprendeu a sobreviver após a morte de sua esposa, um lugar remoto na Região Amazônica, junto aos índios *shuar*, com quem ele aprendeu a conhecer a selva, suas leis e também a caçar.

Nas noites solitárias, José Bolívar lia, soletrando, os romances de amor trazidos, duas vezes por ano, pelo doutor Rubicundo Loachamín, o dentista que aliviava as dores dos poucos habitantes de El Idílio e aventureiros vindos das redondezas que se reuniam no cais quando da chegada do Sucre, um barco que trazia caixas de cerveja, de aguardente Frontera, de sal e botijões de gás e levava dali a banana.

O enredo evolui quando é encontrado o cadáver de um homem, atacado por uma onça. Na tentativa de caçar o animal, organiza-se uma expedição comandada pelo administrador da aldeia. Mas é António José Bolívar Proaño quem, sozinho, consegue abater o [animal](#), usando da perspicácia, da astúcia e da sabedoria do velho habitante da floresta.

4. APRECIÇÃO E RÉPLICA

“Mas o homem não foi feito para a derrota - disse em voz alta. - um homem pode ser destruído, mas nunca derrotado”.

Ernest Hemingway

O comportamento leitor proporciona o estabelecimento de relações logo ao se deparar com um novo título. Em meio a tantas leituras, um leitor proficiente, encontra elos entre obras. Por exemplo, quem leu *O Velho e o Mar* de Hemingway, provavelmente, estabelecerá uma relação com o título *O velho que lia Romances de Amor*. Primeira curiosidade: será que esse velho é solitário como Santiago? Mediante a leitura inicia-se a busca por essas relações entre as obras. E assim vai descobrir que tanto Santiago como José Bolívar moravam sozinhos, mergulhados nas lembranças e na simplicidade das coisas que realmente necessitavam, um verdadeiro cotidiano singular de velhos solitários.

Tais comparações podem ser amparadas na afirmação de Leyla Perrone-Moisés (1990, p. 94), “a literatura se produz num constante diálogo de textos, por retomadas, empréstimos e trocas. A literatura nasce da literatura, cada obra nova é uma continuação, por consentimento ou contestação, das obras anteriores, dos gêneros e temas já existentes. Escrever é, pois, dialogar com a literatura anterior e com a contemporânea”.

Esse diálogo que a literatura proporciona, traz à tona implicações sobre o interdis-

curso, que tem se apresentado sobre diversos nomes e muitos estudos. Um dos termos essenciais para a literatura comparada foi intertextualidade, pautado pelos escritos de Mikhail Bakhtin. A semióloga búlgara Julia Kristeva, ao retomar os escritos de Bakhtin, concebeu o conceito de intertextualidade, segundo o qual “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto” (KRISTEVA, 1974, p. 64).

A crítica e romancista Tiphaine Samoyault (2008, p. 9) complementa o conceito exposto acima, afirmando que a intertextualidade é “a presença de um texto em outro texto: tessitura, biblioteca, entrelaçamento, incorporação ou simplesmente diálogo”, que possibilita o surgimento de fecundas e instigantes interpretações por parte dos leitores.

Puxando fios entre os tecidos ou entre textos, buscando ressonâncias entre as obras, e estabelecendo uma comparação entre as literaturas, encontramos possível interdiscursividade e intertextualidade na solidão em que vivem as protagonistas; momento em que os autores falam de coisas essenciais presentes nas modestas cabanas: a cama, a rede, a mesa, o fogão e as folhagens utilizadas na construção das moradias. Há ainda uma peculiaridade indiscutível: o retrato da mulher amada que já não se faz mais presente. Em *O velho e mar* temos:

[...]O mastro era quase da altura do único quarto da cabana, que era construída como o compartimento único da choupana. Esta era feita de *guano*, a resistente madeira duradas palmeira-reais. Dentro só havia uma cama, uma mesa, uma cadeira, e um canto no chão para cozinhar a carvão de choça. Nas paredes castanhas do duro *guano*, viam-se uma imagem colorida do Sagrado Coração de Jesus e uma outra da Virgem de Cobre. Ambas eram relíquias de sua mulher. Em outros tempos, houvera ainda uma fotografia da esposa, mas ele a tinha tirado por se sentir muito só ao olhá-la todos os dias; agora estava escondida numa prateleira debaixo da camisa lavada. (HEMINGWAY, 2013 p. 19).

E em *O Velho que lia romances de amor*, verificamos as seguintes descrições da casa do protagonista:

Morava numa cabana de bambu de uns dez metros quadrados nos quais ordenava os poucos móveis; a rede de juta, o engradado de cerveja que sustentava o fogareiro a querosene e uma mesa alta, [...]ela lhe servia para comer em pé e para ler seus romances de amor. [...] A cabana era protegida por um teto de palha tranada e tinha uma janela aberta para o rio. [...] Junto à porta pendia uma toalha desfiada e o sabão.

Com cheiro penetrante de sebo, e lavava bem a roupa, [...] Numa parede ao pé da rede havia um retrato [...] O homem, Antonio José Bolívar Proanõ[...] a mulher, Dolores Encarnación Del Santíssimo Sacramento EstupiñánOtavalo vestia roupas que sim existiram e continuavam existindo nos rincões obstinados da memória, aqueles mesmos em que se esconde o inseto da solidão (SEPÚLVEDA, 2005, p. 35-36).

Essa solidão é inferida pelas falas das próprias personagens, “- Gostaria tanto de ter aqui o garoto! Para me ajudar e para ver isto”, “Pessoas da minha idade nunca deveriam estar sozinhas”, pensou. Mas é inevitável...” (HEMINGWAY, 2013, p.52). Além disso, a perda da esposa é outro fator que intensifica a solidão de Santiago.

Esta personagem, na sua condição de velho, dependia da amizade de um garoto para tudo. Era Manolín quem trazia sua alimentação e providenciava condições mínimas para sua sobrevivência.

Quando ele voltou, mais tarde, O velho Santiago estava dormindo e o sol já começava a baixar no horizonte. O garoto foi buscar a velha manta e colocou-a sobre os ombros do velho. Eram ombros estranhos, ainda poderosos embora muito velhos, e o pescoço também era muito forte. Não se viam tanto as rugas quando estava dormindo assim, com a cabeça descaída para a frente. A camisa havia sido remendada tantas vezes que mais se assemelhava a uma vela, e os remendos, sob a ação do sol, tinham se esbatido em diversos tons. A cabeça do velho era muito velha e, com os olhos fechados, não havia vida no seu rosto. [...]O garoto trouxera a comida da Esplanada numa marmitta dupla de alumínio. [...] “Preciso trazer-lhe água para a cabana, sabão e uma toalha nova” [...]tenho de arranjar outra camisa para ele, um casaco para o inverno e uns sapatos, além de outro cobertor” (HEMINGWAY, 2013, p. 25-26).

Bolívar, após a morte da esposa, Dolores, consumida pela malária, com quem se casara aos quinze anos e não tivera filhos, permanecia solitário na selva, em companhia de suas lembranças e estabelecendo relações entre ascenas e os lugares descritos nos romances com as situações vividas com a mulher e com o povo *shuar*.

E quanto a beijar, como dizia?, “ardorosamente”. Como diabos se faria isso? Lembrou de ter beijado muito poucas vezes Dolores Encarnación.... Talvez numa dessas raras ocasiões tenha feito assim, ardorosamente, como Paul do romance, mas sem saber disso. Em todo caso, foram muitos poucos beijos porque a mulher, ou respon-

dia com ataques de riso, ou dizia que podia ser pecado. Beijar ardorosamente. Beijar. Descobriu nesse instante que fizera isto muito poucas vezes e apenas com sua mulher, por que entre os *shuares* beijar era um costume desconhecido. [...] Ao que parece, em Veneza as ruas estavam inundadas e, por isso, as pessoas precisavam se deslocar em gôndolas. (SEPÚLVEDA, 2005, p. 78-79).

Comia quando sentia fome, selecionava os frutos mais saborosos, os peixes mais rápidos e animais selvagens mais difíceis de caça. Quando precisa de companhia, procurava os *shuares* que o recebiam com prazer, dividiam a comida e conversavam entorno da fogueira. Era aos *shuares* que também recorria em busca de tratamentos para a saúde, como quando, num descuido, foi picado por uma cobra.

Beberagens de ervas o aliviaram do veneno. Banhos de cinza fria atenuaram as febres e os pesadelos. E uma dieta de miolos, fígados e rins de macaco lhe permitiu caminhar ao fim de três semanas. Durante a convalescência foi proibido de se afastar da aldeia, e as mulheres se mostraram rigorosas com o tratamento para purgar o corpo. [...] - Você ainda tem veneno dentro. Tem que expelir a maior parte deixando só a porção que o defenderá de novas picadas. Empurravam-lhe frutos suculentos, águas de ervas e outras beberagens até fazê-lo urinar até quando já não tinha mais vontade (SEPÚLVEDA, 2005, p. 45).

Nas obras, a identidade do velho é percebida enquanto sujeitos que convivem com a perda do cônjuge, com a perda de seu papel social e o estabelecimento de uma nova condição humana em relação a um tempo biológico e sociocultural, a velhice. Os autores retratam esse lugar solitário, improdutivo e excludente destinado ao velho, ao mesmo tempo em que abordam o desejo e a capacidade desse mesmo homem de revigorar-se, “- Pode ser que eu não esteja tão forte como penso - admitiu o velho -, mas conheço todos os truques não me falta decisão” (HEMINGWAY, 2013, p. 27).

Algumas imagens dos velhos transmitem, também, identidades bem diferentes. Bolívar demonstra certa alegria, serenidade, tranquilidade e um convívio harmonioso com o momento presente, principalmente diante das leituras que trazem lembranças do passado. Já Santiago revela muito sofrimento, uma pessoa depressiva, triste e nem sempre lúcida.

Outra possível relação, sem querer focar aqui aspectos psicológicos tão presentes, mas identificar como o protagonista, o velho, é apontado dentro da obra, verificamos que a palavra velho aparece em quase todas as páginas de *O velho que lia Romances de Amor*, e é

assim descrito: José Bolívar tinha muitos anos “Uns sessenta segundo os papéis, mas, se-
varmos em conta que me registram quando eu já nadava, digamos que estou beirando os se-
tenta”. [...] “- Você pode se negar a participar da caçada. Já está velho para essas coisas”
(SEPÚLVEDA, 2005, p. 32-33). E o narrador ainda acrescenta as seguintes informações:

[...] A vida na selva temperou cada detalhe de seu corpo. Adquiriu músculos felinos,
que com o passar dos anos se tornaram rijos. Sabia tanto da selva quanto um *shuar*.
Era tão rastreador quanto um *shuar*. Nadava tão bem quanto um *shuar*. Definitiva-
mente, era como um deles, mas não era um deles (SEPÚLVEDA, 2005, p. 48).

Na obra *O velho e mar* a palavra velho aparece com maior frequência, talvez pos-
samos relacionar a isso menor número de personagens. Podemos verificar que nas oito primei-
ras páginas, também compostas de ilustrações, a palavra velho surge vinte e seis vezes e a per-
sonagem é descrita de forma tão contundente que seu retrato se estabelece com muito realis-
mo:

O velho era magro e seco, e tinha a parte posterior do pescoço vincada de profundas
rugas. As manchas escuras que os raios do sol produzem sempre, nos mares tropi-
cais, enchiam-lhe o rosto, estendendo-se ao longo dos braços, e suas mãos estavam
cobertas de cicatrizes fundas, causadas pela fricção das linhas ásperas enganchadas
em pesados e enormes peixes. Mas nenhuma destas cicatrizes era recente. Tudo nele
e dele era velho, menos os olhos, que eram da cor do mar e alegres e não vencidos
(HEMINGWAY, 2013, p.13 - 14).

Durante a pesca, olha para sua mão e diz: “Para quem tem fama de inútil, você
HEMINGWAY, 2013, p.14). Observando os trechos acima, perce-
bemos como o autor apresenta o típico velho. Sendo possível notar também como a person-
agem se vê e como é vista enquanto uma pessoa velha, deixando as ações e os cenários próxi-
mos a essa realidade.

Esse mesmo realismo em dado momento, dentro das obras, se dá de forma mági-
ca, quando as personagens nos colocam uma situação irreal, mas que não deixa dúvida: trata-se
de uma ilusão dos sentidos, de um produto da imaginação. Santiago sonha com leões saindo da
floresta e brincando na praia; Bolívar sonha com seu corpo pintado nos tons irisados da jiboia,
sentado diante do rio para receber os efeitos da *natema*, o doce licor alucinógeno preparado
fervendo-se as raízes de *yahuasca*, também conhecida no Brasil como “chá do Santo Daime”.

A sua frente, algo que parecia ter todas as formas e nutrir-se ao mesmo tempo de todas elas, como se fosse sua morte. Essa expressão de realismo aparece como um disfarce, como se fosse a morte a rondar os velhos. Essa realidade, na qual parece que o consciente ocupa o lugar da imaginação, é uma característica estilística dos autores.

Em relação à leitura, como comportamento das personagens, verificamos que enquanto José Bolívar lia os romances de amor trazidos semestralmente pelo dentista, e essas leituras faziam com que se esquecesse, muitas vezes, das barbáries humana; Santiago lia, no jornal do dia anterior, que ganhava no botequim, as notícias do beisebol, que depois, em alto mar, faziam-no pensar nos possíveis resultados dos jogos.

As narrativas ou os pequenos romances, assim classificados, fazem parte da literatura contemporânea e foram traduzidos em diversas línguas. Como prosa de ficção, apresentam narrador onisciente, mas no relato há intercalação de longos monólogos das personagens.

O enredo apresenta uma organização lógica que provoca a verossimilhança, o leitor é capaz de acreditar no que lê, de sentir a solidão do homem na mata e a solidão do homem no mar. O leitor ainda angustia-se e torce para que um consiga trazer o peixe a praia e o outro a caçar a onça. Assim, o grande conflito, a pesca do grande peixe e a caçada da onça, faz dos protagonistas heróis obstinados e dos leitores cúmplices aprisionados frente ao possível desfecho. Se de um lado o velho pescador tenta sair de uma maré de azar e usar de seus muitos conhecimentos sobre o mar para conseguir a pesca, do outro, o velho, na mata, vê-se diante da necessidade de vencer a fera, o que também exige conhecimentos acumulados durante a vida.

O espaço da narrativa descrito no romance *Um velho que lia Romances de amor*, El Idilio, nos remete ao cenário do romance de Gabriel García Márquez, *Cem Anos de Solidão*: “Macondo era então uma aldeia de vinte casas de pau a pique e telhados de sapé construídas na beira de um rio de águas diáfanas que se precipitavam por um leito de pedra polidas, brancas e enormes [...]” (GARCÍA MÁRQUEZ, 2014, p. 7). O espaço, no romance de Sepúlveda, guarda similaridades com este, criado pelo escritor colombiano.

Fica evidente o conhecimento do espaço pelas personagens. A descrição dos ambientes é diluída na narrativa, sem abordar aspectos morais e políticos, embora os tenha como pano de fundo: a devastação ambiental da Floresta Amazônica, a solidão e a perseverança do velho.

As personagens parecem mais importantes que o enredo. Realizam coisas que pa-

recem coerentes, são carregadas de conceitos éticos e morais que em dado momento são deixados de lado para resolver o conflito na história, mas que não se afastam da personalidade das personagens. Santiago via assim sua pesca:

[...]- O peixe também é meu amigo - disse em voz alta. - Nunca vi ou ouvi falar de um peixe desse tamanho. Mas tenho de matá-lo.[...] Depois teve pena do enorme peixe que não tinha nada para comer, mas a sua determinação de matá-lo jamais arrefeceu, mesmo naquele momento de compaixão. “Quantas pessoas ele irá alimentar? Mas serão merecedoras de um peixe assim? Não claro que não. Ninguém merece comê-lo, tão grande a sua dignidade e tão belo seu modo de agir.” [...] “não compreendo essas coisas”. “[...] Já é ruim o bastante viver no mar e ter de matar os nossos verdadeiros irmãos” (HEMINGWAY, 2013 p.76-77).

O mesmo sentimento José Bolívar demonstrava por sua presa:

[...]Antonio José BolívarProaño levantou-se lentamente. Aproximou-se do animal morto e estremeceu ao ver que a dupla carga a destroçara. [...] O velho acariciou-a. [...] e chorou envergonhado, sentindo-se indigno, envilecido, de nenhum modo vencedor desta batalha. (SEPÚLVEDA, 2005, p.132).

Dispondo muitas vezes de monólogo interior, que, de acordo com David Lodge (2011), é aquele em que o sujeito gramatical do discurso é um “eu” e o leitor “escuta” a personagem verbalizar seus pensamentos à medida que ocorrem, os romances apresentam a expressão literária como se fosse de fluxo de consciência, ou seja, processo de pensamento e associação de ideias das personagens protagonistas entremeados à narrativa, gerando muita simpatia para com os personagens, que revelam suas emoções, sensações e fantasias interiores.

Na solidão do mar e na solidão da selva, identificamos o monólogo interior constituindo-se num ideal, num direcionamento, numa meta a cumprir. Obstinadas as personagens, apontadas no título das obras como velhas, colocam os leitores como plateia curiosa com o desfecho do enredo, envolvidos nessa incessante busca pela capacidade de vencer.

Em ambos os romances, apesar da existência de narradores em terceira pessoa, a todo momento, surgem monólogos interiores das personagens. Hemingway faz uso do travessão para introduzir as vozes do velho, que falava sozinho, e aspas para marcar seus muitos pensamentos.A narrativa se dá de forma tão envolvente que essas marcas, às vezes, não se

fazem perceptíveis, transformando-se num discurso indireto livre. Tem-se a impressão que é a própria personagem quem narra a história o tempo todo.

Embora não dispense algumas convenções de uma narrativa formal do discurso, como: “pensou o velho”, “refletiu em pensamento”, o frequente monólogo aproxima o leitor do velho de tal forma que mais parece um romance de fluxo da consciência.

Portanto, como afirma David Lodge (2011): “[...] o romance de fluxo da consciência é a expressão literária do solipsismo, a doutrina filosófica segundo a qual nada é necessariamente real além das fronteiras da nossa mente, mas também podemos argumentar que ela suaviza essa hipótese assustadora ao nos dar acesso a vida íntima de outros seres humanos, ainda que ficcionais”.

Podemos perceber o quanto o monólogo e toda a realidade ao sujeito pensante é intensa:

Mais adiante olhou para trás e verificou que já não via terra. “Não faz diferença”, pensou. “Para voltar posso sempre guiar-me pelo resplendor da Havana. Ainda faltam duas horas para o pôr do sol e pode ser que ele venha à tona antes disso. Senão, pode ser que venha para cima como a lua. E, se isso também não acontecer, pode ser que resolva vir à tona com o nascer do sol. Não tenho câibras e sinto-me forte. Quem tem o anzol na boca é ele. Mas que tipo de peixe deve ser para puxar dessa maneira! Deve ter a boca fechada com o anzol. Gostaria de poder vê-lo. Gostaria de vê-lo uma só vez para saber o que tenho pela frente” (HEMINGWAY, 2013, p. 50-51).

E, de modo semelhante, o protagonista do romance de Sepúlveda tece longos monólogos nos quais deixa transparecer o seu mundo e inquietações interiores:

- Aqui estou eu. Sou Antonio José Bolívar Proaño, e a única coisa que me resta é paciência. Você é um animal estranho, disso não há dúvida. Fico me perguntando se sua conduta é inteligente ou desesperada. Por que não me cerca e tenta simulações de ataque? Por que não vai rumo ao leste, para que possa segui-la? Movimenta-se de norte a sul, gira para o poente e retoma o caminho. Acha que sou estúpido? Está me cortando a saída para o rio. Esse é seu plano. Quer me ver fugir selva adentro e seguir-me. Não sou tão idiota, companheira. E você não é tão inteligente quanto pensei. (SEPÚLVEDA, 2005, p. 124).

Assim, verificamos nas obras esse percurso, empreendido nas narrativas, essas

profundas tensões e ambivalências da consciência humana.

Os romances ainda nos proporcionam um olhar às limitações a que o velho é submetido, bem como a capacidade de superação. Talvez uma das frases do livro que mais elucidasse fato seja: “[...]Mas uma câimbra, se não era humilhante ante os outros, humilhava-o diante dele mesmo”. “Se o garoto estivesse aqui, podia friccionar-me o antebraço”, pensou. Mas espero ficar logo bom”. Neste fragmento do romance *O velho e o mar*, ficam explicitadas a fraqueza, a debilidade e as limitações que o avançar dos anos acarretam à personagem do romancista norte-americano, as quais também são comuns à personagem de Luis Sepúlveda.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma história não é mais que um grão de trigo. É ao ouvinte, ao leitor que compete fazê-lo germinar, Se não germinar é questão de falta de ar, de sol, de liberdade, de solidão.

Michel Déon

Levando em conta o fato de que a literatura proporciona entrelaçamentos e que esses entrelaçamentos são o modo de funcionamento da linguagem, a forma de composição do discurso e as relações entre esses discursos, as obras analisadas nos proporcionam esse olhar, o qual Bakhtin chamou de dialogismo.

O estudo comparativo da literatura pautado no interdiscurso, nas relações entre os textos, converge para seu movimento principal: o perpétuo diálogo que a literatura tece consigo mesma. Esse diálogo, entendido aqui como intertextualidade, conforme aponta Botoso (2011), “revitaliza a literatura e possibilita a valorização de textos e escritores de todas as épocas, ao estabelecer um constante e fecundo diálogo e aproximando escritores, textos e países diferenciados e ao permitir encarar a literatura como sistema de trocas e o ato de escrever como um processo dialógico entre a literatura da tradição e a contemporânea”. Dessa forma, o intertexto, segundo as colocações de Michael Riffaterre (apud SAMOYAUULT, 2008, p. 28), é “a percepção, pelo leitor, de relações entre uma obra e outras que a precederam ou a seguiram”.

Importante considerar que nesse diálogo, tanto na produção como na recepção de um texto, é condição vital o conhecimento de outros textos com os quais de alguma forma possa-se relacionar duas ou mais obras. Essa relação é cada vez mais eloquente quanto maior

for a proficiência leitora. Logo, concordamos com Samoyault (2008), quando diz que essa relação “é antes de tudo um efeito de leitura”, pois sabemos que diante do comportamento leitor desenvolvido, torna-se possível, a esse leitor, identificar, relacionar e utilizar estruturas textuais, estabelecendo então a possível relação nesses inúmeros tecidos, que podem pertencer a um artesão, mas com pontos e laços de vários autores.

Em síntese, o velho de Hemingway nos parece o mesmo velho de Sepúlveda. Dorme pouco, pensa muito, vive e fala sozinho, é conhecedor do espaço onde vive. Astuto e perseverante. Possuem a imensidão, do mar, da floresta. A morte os ronda. São cativantes, velhos em sua essência e ternura, e como disse Rubens Alves (2015): “Vem depois as grosseiras a que nós, os velhos, somos submetidos nas salas de espera dos aeroportos. Pra começar, não entendo por que “velho” é politicamente incorreto. “Idoso” é palavra de fila de banco e de fila de supermercado; “velho”, ao contrário, pertence ao universo da poesia. Já imaginaram se o Hemingway tivesse dado ao seu livro clássico o nome de “O idoso e o mar”?”.

Enfim, pela leitura dos dois romances analisados neste artigo, fica evidente o valor, a grandeza e a capacidade que as personagens mais experientes fazem brotar em seus respectivos espaços - mar e selva - cativando e aliciando leitores no passado e no presente - por meio de suas aventuras ímpares, que desvelam a beleza e o intrincado universo que povoa seus mundos interiores, revelando também a sua extrema humanidade e o destino de todos nós, que nascemos, crescemos, envelhecemos e morremos.

Referências

ALVES, Rubem. Gestos amorosos. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 27 de maio de 2008. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2705200804.htm>. Acesso em: 05. jun. 2015.

BOTOSO, Altamir. Intertextualidade e realismo mágico no conto “Borges no inferno”, de José Eduardo Agualusa. *Comunicação: Veredas* - Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UNIMAR Ano 10, nº 11 - 2011, p. 205-226.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. *Cem anos de solidão*. Trad. Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 2014.

HEMINGWAY, Ernest. *O velho e o mar*. Trad. de Fernando de Castro Ferro. 78. ed. Rio de Janeiro: Bertand, 2013.

KRISTEVA, Julia. A palavra, o diálogo e o romance. In: KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. Trad. de Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974, p. 61-90.

LODGE, David. *A arte da ficção*. Trad. de Guilherme da Silva Braga. Porto Alegre: L&PM, 2011.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Literatura comparada, intertexto e antropofagia. In: PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Flores da escrivantina: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 91-99.

SEPÚLVEDA, Luis. *Um velho que lia romances de amor*. Trad. de Josely Vianna Baptista. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.

SAMOYAUULT, Tiphaine. *A Intertextualidade*. Trad. de Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.